

O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA EM TURMAS DO ENSINO MÉDIO

Renan Salotti Felix

Resumo: Este artigo aborda como o cinema pode ser utilizado nas aulas de história. Tentando romper com uma lógica de alienação imposta pela sociedade do espetáculo e da indústria cultural, propomos um uso libertador da sétima arte, permitindo que o aluno reflita sobre a sua própria formação, sobre o mundo que o cerca e seja capaz de produzir conhecimento histórico.

Abstract: This article discusses how cinema can be used in history classes. Trying to break with a logic of alienation imposed by the society of the spectacle and the cultural industry, we propose a liberating use of the seventh art, allowing the student to reflect on his own formation, about the world that surrounds him and is capable of producing historical knowledge.

Palavras-chave: cinema, aulas de história, sociedade do espetáculo, indústria cultural, criticidade, autonomia.

1. O PAPEL DO CINEMA NA SOCIEDADE: UMA DISCUSSÃO ENTRE OS CLÁSSICOS

1.1 Guy Debord

Um trabalho que se propõe a estudar o uso do cinema em sala de aula deve partir de um questionamento sobre o próprio papel desta mídia na sociedade contemporânea. Para isso, recorremos a pensadores clássicos que refletiram sobre as transformações na sociedade decorrentes do surgimento e da ascensão da cinematografia. Assim sendo, seguindo as reflexões de Guy Debord, verificamos que após as guerras mundiais e a consequente ascensão dos Estados Unidos, sucede-se a difusão do *american way of life*, sobretudo na Europa e na América Latina. Otimizado pelo avanço tecnológico, ele instaura no mundo ocidental uma sociedade mercantil, que abandona as suas tradições ou as reinventa. A exemplo disso, as consagradas vanguardas europeias, assimiladas pela lógica do mercado, reorganizam-se pelas aparências na busca pela disseminação ideológica ou pelo lucro. Está instituído o palco da sociedade do espetáculo.

O cenário, montado de acordo com o autor a partir da década de 1940 e que se estende até os nossos dias, é crítico. Nele, o cinema desponta como uma das atividades artísticas que mais recebem adesão popular e que, naturalmente, mais é utilizada pelas elites dominantes para a manutenção do seu poder, seja político econômico ou social. A conjuntura acima tem o seu prenúncio ainda nas décadas de 1920 e 1930, com a ascensão dos regimes totalitários na Europa. Inquestionavelmente, a indústria cinematográfica foi um dos principais instrumentos utilizados por

Hitler e Goebbels para a difusão do pensamento nazista. Porém, no momento em que se desenvolve a sociedade do espetáculo a perversão da arte adquire contornos nunca antes vistos.

No mundo contemporâneo, do século XXI, o cinema trata de assuntos delicados, critica infinitos elementos sociais, políticos, econômicos e culturais. Contudo, ainda que aparentemente a sétima arte pareça ter adquirido tons mais críticos se em comparação com momentos extremos da história (como o nazifascismo), isso não a absolve de qualquer julgamento. Ao contrário. Se Debord defendia que desde o seu início o cinema propicia um espetáculo sem participação, é esperado que ele resulte inevitavelmente em alienação. Ou seja, no cinema não há qualquer envolvimento dos espectadores no sentido da produção do filme em si. Eles participam apenas no produto final, como meros receptores, meros consumidores da obra idealizada pelo diretor.

É o que o autor busca exemplificar ao comparar o ofício do operário ao da sociedade do espetáculo. O primeiro é separado de seu produto e do processo de produção, perdendo a visão do todo. Com o indivíduo da sociedade do espetáculo, que recebe e absorve apenas imagens e representações isoladas, considerando-as como verdadeiras e sem a possibilidade de emancipar sua reflexão, ocorre o mesmo. Logo, a crítica de Debord é mais ampla, não se limitando apenas ao conteúdo abordado pelos filmes, mas também se referindo à própria lógica de funcionamento do cinema dentro do contexto social pós revolução industrial, um problema social que Michel Foucault chamou de disciplinarização dos corpos.

1.2 Theodor Adorno e Max Horkheimer

Percorrendo uma linha também pessimista, Adorno e Horkheimer denunciaram desde muito cedo o surgimento de uma *indústria cultural*. Nela, a produção cinematográfica passa a ter como um fim predominante, simples e perverso, o mesmo que compete aos demais ramos da indústria: o lucro. Em última instância, a produção de um filme passa a ter o mesmo sentido que a produção, por exemplo, de um automóvel. Massificada a distribuição e o consumo, surgem os monopólios dentro da produção cultural e uma tendência à uniformização. Tendência essa que, na visão dos autores, atrofia a imaginação do consumidor cultural e encaminha os sujeitos a uma noção de unidade da produção dentro de um mundo profundamente industrializado. Em síntese, o cinema tanto é produzido pela lógica industrial, como colabora para a manutenção da mesma. Se transpormos esse conceito de Adorno e Horkheimer para a realidade contemporânea, comprovaremos a sua validade ao pensarmos no monopólio de grandes produtoras, como a Sony, Warner e a Disney (para citar apenas algumas). Normalmente, as maiores salas de cinema no mundo ocidental ocupam-se de exibirem somente filmes desses grandes estúdios, sendo difícil encontrar lugares que exibam filmes “alternativos”, tratados muitas vezes como filmes simplesmente enfadonhos e sem utilidade.

Além disso, Adorno e Horkheimer, até mesmo antes de Debord, também defendem que a indústria cultural serve para a conservação da lógica industrial sobre todos os setores da sociedade. Para eles, o fenômeno dialoga com a massificação da produção que alienou desde os operários até

os consumidores de cultura, sendo que na maioria das vezes são ambas as mesmas pessoas. Isso denota mais ainda a malignidade do sistema.

A partir das visões pessimistas de Guy Debort, Theodor Adorno e Max Horkheimer sobre o papel do cinema na sociedade, faz-se necessária uma reflexão por parte dos docentes em geral sobre como tratar esse assunto em sala de aula, ou ainda sobre como usar esse recurso em sala de aula. Ainda que não precisemos, e nem devamos, cair na radicalização de considerarmos o cinema como algo descartável, as visões desses autores servem para ao menos reconhecermos a necessidade de estimular nos alunos um olhar reflexivo ao entrarem em contato com filmes, sejam eles históricos ou não.

Em suma, não podemos tratar a produção cinematográfica como algo inocente. Independente ou não das forças políticas e econômicas, o certo é que por trás de todo filme há sempre um diretor com um olhar específico, há sempre um contexto histórico em que a produção se dá e há sempre uma mensagem que se quer passar. Nesse sentido o cinema, recheado de traços ideológicos, se torna um elemento fundamental para o estudo das ciências humanas e, particularmente para a História, ele passa a ter um significado especial, devendo ser considerado como um documento histórico a ser criticado.

2. O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA

2.1 Impressões de um professor de História

Sendo, obviamente, o autor deste trabalho um professor de história que sempre se interessou no uso do cinema como instrumento pedagógico e na crítica dessa mídia dentro do contexto social, não poderia deixar de registrar as minhas impressões iniciais sobre o tema, razões que me levaram a estudá-lo mais a fundo.

Em primeiro lugar, não é necessário ser um especialista na área de cinema e nem mesmo de história para perceber o quanto os filmes possuem um significado crucial na sociedade contemporânea (a exposição dos autores feita no item 1 explicita isso). Como estudioso das ciências humanas, e a partir das reflexões dos autores citados, preocupa-me já há algum tempo a percepção que tenho de que o cinema adquiriu um status inabalável na sociedade. Os filmes produzidos, sobretudo para o entretenimento, envolvem crianças, jovens e adultos numa euforia que transcende as telas. Esse entretenimento dialoga com quadrinhos, livros, jogos eletrônicos, redes sociais, youtube, entre outros elementos que parecem ter convencido a humanidade de que é preciso estar dentro desse movimento.

Não há crítica. Ou, se há, deve ser feita dentro dos padrões estabelecidos. Recordo-me de uma aluna que ficou inconformada ao descobrir que o seu professor de História/Sociologia nunca tinha assistido a um capítulo sequer da série “Black Mirror”, produzida pela Netflix. Aparentemente, para ela, não seria possível criticar a sociedade sem assistir uma série que critica a sociedade. Isso parecia ser

mais importante do que ler e entender autores como Marx, Foucault, Deleuze, Derrida, entre outros. Episódios como esse atenuaram minha preocupação em relação à forma como temos lidado com o cinema, exaltando-o como verdade, achando que ele é a verdadeira crítica e não estabelecendo qualquer crítica sobre ele.

Em segundo lugar, também não é novidade o fato de que boa parte dos filmes produzidos trazem uma ambientação histórica. Para o professor de história, isso gera grandes dilemas. Em que medida podemos utilizar o filme como instrumento pedagógico, sendo que muitos deles apresentam erros históricos? Seria prudente utilizar esses filmes, correndo o risco de os alunos assimilarem o conteúdo de forma errada? É possível utilizar esses filmes, ensinando os alunos a perceberem possíveis erros históricos? Seria viável que os alunos percebessem que, apesar dos erros, e até mesmo por conta dos erros, os filmes foram produzidos dentro de um contexto histórico específico que revela muito das intenções dos produtores? São essas algumas das perguntas que guiaram esse trabalho e que, acreditamos, devem nortear a reflexão de todo o professor de história que desejar trabalhar com essa ferramenta.

2.2 Reflexões a partir dos autores lidos

Para refletir sobre esse assunto, consultamos diversos autores, que tratavam diretamente do cinema ou não. Entre todas as referências lidas, a que mais se destacou foi um clássico que não trata especificamente do uso do cinema. “Ensino de História: revisão urgente” foi publicado por professoras da PUC-SP que se questionavam sobre antigas práticas usadas por professores de história (uma concepção eurocêntrica, que colocava o aluno como mero receptor de conteúdos e que privilegiava a memorização de datas e nomes), e que portanto deveriam ser superadas por uma nova abordagem (que concebesse uma história mais regional, entendendo o aluno como protagonista e que fosse muito mais analítica e reflexiva).

Apesar de não tratarem diretamente do cinema, os temas abordados são elementares para uma discussão à respeito do uso de filmes nas aulas de história. Infelizmente, a maturidade da obra, somada à nossa escolha, revela que muitas dessas velhas práticas continuam sendo utilizadas na escola brasileira. Partir da realidade do aluno, instituí-lo como protagonista e estimulá-lo a analisar e refletir. Essas ações tornam-se primordiais se quisermos romper com o establishment, onde o cinema aparece como incontestável, gerador de opiniões, comportamentos e ideologias. E, como exposto no início desse trabalho, sendo o cinema um elemento fundamental para a manutenção do establishment, torna-se obrigatório analisá-lo à luz dos ensinamentos dessas professoras.

Sendo assim, dividimos em quatro partes a colaboração que essa obra poder trazer no tocante às aulas de histórias e, conseqüentemente, ao uso do cinema nas mesmas.

2.2.1 Partindo da realidade do aluno

Esse é o primeiro ponto que identifico entre os mais caros para as autoras. Segundo elas, devemos partir

da realidade mais próxima do aluno, não somente porque ele tem dificuldade em lidar com o tempo, mas sobretudo porque queremos aproveitar o seu conhecimento, sua experiência de vida. Entendemos por realidade mais próxima do aluno tudo o que está ligado à sua própria experiência de vida, que tem a ver com o que ele sente, pensa, sabe, se interessa, se preocupa, etc., e que está marcado profundamente pela experiência do meio cultural que o envolve, dos grupos sociais nos quais ele está inserido. (p. 54)

Ora, anos após a publicação do livro, a presença marcante dos filmes na sociedade permanece sendo um dos elementos mais fundamentais que constituem a realidade do aluno. Porém, partir dessa realidade significaria quebrar totalmente o paradigma da sociedade do espetáculo e da indústria cultural descritos por Debord e Adorno/Horkheimer. Ou seja, os filmes muitas vezes são apresentados como uma máxima, quando na realidade estão impondo uma máxima sobre a sociedade, disciplinando o seu pensamento e comportamento e, nesse caso, o que buscamos é criticar essa lógica.

Sendo assim, é essencial a utilização de filmes em sala de aula. E não apenas o uso da mídia em si torna-se necessário, visto que (como já o fiz) alguns poderão pensar que exibir alguns minutos de um filme antes do início de cada aula, para situar os alunos no contexto histórico que será tratado, é uma boa prática pedagógica. Também não convém ao professor (como também já o fiz) forçar uma erudição que os alunos não apresentam nesse momento e que dificilmente desenvolverão pela simples exibição de um filme complexo demais para eles.

Antes, partir da realidade do aluno significa que em muitos momentos será preciso munir-se de um repertório próprio dos alunos para, depois, desconstruí-lo. Um simples, mas rico exemplo, é a atual moda dos filmes de heróis que tem contagiado a todos. Como professores de história, sabemos que os quadrinhos, que inspiram os filmes, foram idealizados no século XX a partir de momentos decisivos da história norte-americana e mundial, como a grande depressão, a segunda guerra mundial e a guerra fria. Pense na riqueza de possibilidades que a exibição e a discussão de filmes dessa categoria podem trazer à aula de história.

Um quadrinho, como o Capitão América, durante segunda guerra mundial dava coesão à sociedade estadunidense e aos soldados na linha de frente, que recebiam exemplares para lerem durante a campanha. Porém, durante a guerra fria, o mesmo Capitão América não faz sucesso equivalente. Há alguma relação com o fato de que muitas das intervenções dos Estados Unidos passaram a ser alvos de críticas, entre elas na Coreia e no Vietnã? E, hoje, qual é o papel do Capitão América no cinema? Como isso se relaciona com a geopolítica atual? São algumas das perguntas que podem ser utilizadas como disparadoras de trabalhos muito promissores.

Um outro exemplo são os filmes da premiada franquia James Bond, o 007. Uma simples pergunta aos alunos sobre as principais temáticas das últimas edições e eles responderão que tráfico de drogas e terrorismo são alguns dos temas abordados. Mas será que todos eles já assistiram os filmes mais antigos, que começaram a ser produzidos dentro do contexto da guerra fria e que traziam em seus roteiros quase sempre um combate aos soviéticos? Com certeza uma recuperação da história da série seria muito esclarecedora no que diz respeito às transformações que o mundo passou da guerra fria até os dias atuais.

Esse mesmo exercício também pode ser feito com inúmeros outros filmes e em diferentes contextos históricos. O que gostaríamos de ressaltar aqui é a importância de partir da realidade do aluno, cercado por essas informações que se apresentam todos os dias a eles e que podem e devem ser um excelente recurso nas mãos do professor. Assim, possibilitaremos a reflexão sobre a história, mas também ensinaremos aos alunos a necessidade da crítica sobre os filmes.

2.2.2 O aluno como protagonista

Refletindo sobre o ensino de história, as autoras concluem que, assim como o de outras disciplinas, ele encontra-se

estruturado de tal forma que, à universidade, ou 3º grau, compete a produção do conhecimento histórico (ou seja, é o espaço do chamado “discurso competente”), enquanto às escolas de 1º e 2º graus cabe a sua reprodução. (p. 32)

Para agravar mais ainda a situação, nas escolas o professor é estabelecido como aquele que

sabe mais do que o aluno, pois detém o saber dos especialistas e dos livros didáticos. (p. 32)

Esse tipo de educação, criticada pelas autoras há longa data, segue a mesma lógica da sociedade do espetáculo, criticada por Debord, e da indústria cultural, desaprovada por Adorno e Horkheimer. Assim, do mesmo modo como simplesmente induzimos os alunos a reproduzirem um conhecimento criado pelos pesquisadores ligados às mais importantes universidades do Brasil e do mundo, também o cinema opera seguindo a mesma lógica cruel, impondo aos seus espectadores uma postura inerte em relação às produções dos grandes estúdios.

Não seria a escola o lugar mais indicado para desatar nossos laços com esse vício? Não há de se esperar que assumamos, como educadores, uma prática que vá na contramão desse sistema?

Seguindo essa linha de pensamento, propomos duas ações para os docentes durante o ensino de história.

A primeira ação seria uma mudança na postura do professor. Os alunos têm sido levados a pensar que a história do mundo ocidental tem como base a Europa, é linear e até mesmo evolutiva. A história do Brasil funciona na periferia da história europeia, sendo retratada quase como uma biografia do nosso país, apenas a partir da chegada dos portugueses e colocando sempre o europeu como o personagem principal. Dentro desse modelo há pouco espaço para a crítica e para o entendimento de que a história é algo vivo e, nesse caso, construída a partir da visão do vencedor.

Sendo assim, uma prática pedagógica que busque colocar o aluno como protagonista deve, antes de tudo, se aparelhar de uma crítica sobre a própria escrita da história. De nada adiantaria colocar o aluno em evidência se o mesmo tiver em suas mãos instrumentos que em nada colaborarão para a sua emancipação; pelo contrário. Felizmente, muitos materiais didáticos têm demonstrado uma preocupação relevante com isso; outros infelizmente não. De qualquer maneira, cabe a nós, professores, independente do material que temos à nossa disposição, ou ainda da distância entre a época de nossa formação e o momento em que ocorre essa revisão, o dever de reavaliarmos qual é a história que temos apresentado aos nossos alunos. Uma história em que somos coadjuvantes ou protagonistas?

Uma segunda ação seria a adoção de práticas pedagógicas que passem a colocar o aluno como protagonista. Nesse sentido, o uso do cinema também pode ser muito agregador. Podemos tornar os alunos críticos, produtores e editores de cinema. Hoje, com poucos e simples recursos, à mão de parcela considerável dos estudantes, podemos estabelecer de forma colaborativa e ativa atividades que permitem grande reflexão e geração de conhecimento. Deixo como exemplo o link abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=6pe2a6gF6FU>

Este trabalho foi feito por estudantes de ensino médio, sem certificações, porém com muito talento que está depositado em cada aluno pelo simples fato de serem pessoas engajadas nesse mundo extremamente digital. Talento que muitas vezes desconhecemos ou ignoramos devido esse formato autoritário de educação que temos cultivado durante praticamente toda a nossa história. Porém, bastou uma oportunidade, uma boa base teórica e orientações básicas para que uma obra prima fosse criada.

2.2.3 Uma história mais reflexiva

Segundo as autoras, o professor de história

serve para fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica; para que pratique um exercício de reflexão, que o encaminhará para outras reflexões, de natureza semelhante, em sua vida e não necessariamente só na escola; pois a história produz um conhecimento que nenhuma outra disciplina produz – e ele nos parece fundamental para a vida do homem, indivíduo eminentemente histórico (p. 36)

Mais uma vez aqui o uso do cinema torna-se uma experiência ímpar.

Certa vez, decidi utilizar o cinema para desenvolver o tema de vulnerabilidade social nas minhas aulas de sociologia. Levando em consideração que era uma turma formada essencialmente por meninas, propus à sala que para tratarmos desse tema déssemos uma atenção especial à situação da mulher na sociedade brasileira.

Dessa forma, combinado o tema com a sala, acertamos em não trabalharmos assistindo filmes, mas sim produzindo um filme. Dividimos a sala em grupos, onde cada grupo ficaria responsável por retratar um tipo de violência específica contra a mulher. Elegemos um representante para cada grupo, os quais na prática acabaram atuando como diretores, e reunimos os representantes para combinar o que poderia ser feito por cada grupo para que, no final, pudéssemos ter um grande filme colaborativo produzido por toda a sala.

O resultado foi que a autonomia dada às alunas foi tão estimulante que elas envolveram a escola inteira no processo. Chamaram alunos, professores, coordenadores e demais funcionários para que participassem da produção. E na exibição do filme fizeram questão que a maior parte dos alunos pudessem assistir e participar de um debate sobre o conteúdo produzido por elas.

E essa não foi uma experiência meramente artística. Por trás das filmagens, discussões e edição ocorreram muitos debates e aulas com o objetivo de gerar uma fundamentação teórica que embasasse o discurso que elas queriam defender. Veja, temos uma situação onde a violência contra a mulher infelizmente ainda é uma realidade muito presente na sociedade brasileira, temos alunas que não concordam com essa violência e que desejam fazer algo para impedi-la, temos um professor que dá uma fundamentação teórica sobre como esse processo funciona atualmente e orientações sobre como desenvolver a atividade. E o resultado qual é? Uma situação de grande aprendizado, reflexão, e produção de conteúdo como nunca poderia ser imaginado em aulas expositivas, com às quais estamos acostumados a lidar. Segue o link abaixo para apreciação:

https://www.youtube.com/watch?v=nA4TPCE_dDE

2.2.4 Questionando o documento histórico

Um dos elementos mais fundamentais do trabalho do historiador é a crítica documental. Sobre isso, as autoras estabelecem questionamentos que todo historiador deve fazer ao realizar essa tarefa, como:

- *O que é documento? O que nos diz? Como o diz?*
- *Quem o fez, quando o fez, em nome de quem? Com que propósito?*
- *Qual é a relação do documento, no momento de sua produção, com a realidade mais ampla à qual queremos chegar? (p. 62)*

Como já abordamos anteriormente, podemos entender a produção cinematográfica como um documento histórico. Assim sendo, as mesmas perguntas que fazemos a uma carta, um ofício ou a uma fotografia, também devemos fazer aos filmes. Dessa maneira, durante o processo de ensino-aprendizagem é desejável que o professor estimule os alunos a realizarem esses questionamentos a todos os documentos históricos, incluindo o cinema.

Cabe nesse momento, quando o professor decidir o uso de filmes inteiros ou trechos durante as aulas, não esquecer de que o filme não pode ser usado para mera ilustração de, por exemplo, hábitos, vestimentas e linguajares da época. Quaisquer filmes são documentos históricos e que devem responder às perguntas assim como os demais. Então, partindo do que foi proposto pelas autoras, podemos estabelecer especificamente para os filmes as seguintes indagações:

- O que é um filme, ou seja, quais são os principais elementos que compõe um filme? O que ele nos diz, ou seja, qual é a mensagem por trás dele? De que maneira ele transmite essa mensagem?
- Quem produziu esse filme (diretor, produtora, distribuidora, etc.)? Quando esse filme foi produzido, ou seja, em que contexto histórico? Qual o propósito da produção desse filme?
- Qual é a relação desse filme com o contexto histórico que estamos estudando? Ele reflete os interesses de algum grupo econômico, político ou social específico? Ele critica os interesses de algum grupo específico?

Quando adotado pelo professor, esse procedimento pode sem dúvida render grandes reflexões sobre a produção cinematográfica.

É possível exibir o filme e depois discutir esses questionamentos numa roda de debate, ou entregar as perguntas para que os alunos reflitam durante a exibição do filme, ou ainda pedir para que os alunos respondam após outras discussões que o professor poder trazer para sala após a exibição.

Os caminhos são diversos e dependem dos objetivos específicos traçados para cada turma. Porém, é fato que esse tipo de exercício traz uma experiência de grande dimensão para a reflexão histórica.

Considerações finais

Ao analisarmos os conceitos de sociedade do espetáculo e indústria cultural expomos uma dura realidade vivida não apenas em sala de aula mas pela sociedade contemporânea como um todo. As experiências, reflexões e atividades aqui citadas são ferramentas que acreditamos serem importantes para a emancipação dos alunos e, conseqüentemente, para a formação de uma sociedade mais justa.

Esperamos que no futuro possamos ter mais pessoas refletindo sobre o que parece óbvio, sobre o que lhes é imposto e sobre como produzimos conhecimento na sociedade atual. Que o cinema possa ser uma das ferramentas que não aliene e sim possibilite essa reflexão.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 169-214.

BELLONI, Maria Luiza. **A formação na sociedade do espetáculo: gênese e atualidade do conceito**. IN: Revista Espaço Aberto, p. 121-136. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a11.pdf>

CABRINI, Conceição. **O ensino de história: revisão urgente**. São Paulo: Educ, 3ª edição, 2008.